

Mário de Sá-Carneiro

PROSA

Contos Breves  
Princípio  
A Confissão de Lúcio  
Céu em Fogo





# Índice

<b>CRONOLOGIA BIOGRÁFICA</b> .....	9
<b>CONTOS BREVES (1908/1909)</b>	
O Caixão .....	15
Maria Augusta .....	17
Ladislau Ventura .....	21
A Mendiga .....	23
Amor Vencido .....	25
Recordar É Viver .....	27
Tragédia .....	31
<b>PRINCÍPIO (1912)</b>	
Loucura .....	39
O Sexto Sentido .....	87
Diários	
<i>Em Pleno Romantismo</i> .....	93
<i>Felicidade Perdida?</i> .....	98
<i>A Profecia</i> .....	101

<i>Página dum Suicida</i> .....	105
O Incesto .....	109
<b>A CONFISSÃO DE LÚCIO (1914)</b> .....	175
<b>CÉU EM FOGO (1915)</b>	
A Grande Sombra .....	277
Mistério .....	333
O Homem dos Sonhos .....	353
Asas.....	363
Eu-Próprio o Outro .....	389
A Estranha Morte do Prof. Antena .....	403
O Fixador de Instantes .....	427
Ressurreição .....	439

## **Cronologia Biográfica**

por Fernando Pinto do Amaral

- 1890 – A 19 de maio, em Lisboa, na Rua da Conceição, nasce Mário de Sá-Carneiro. É filho de Águeda Peres Murinello de Sá Carneiro e de Carlos Augusto de Sá Carneiro, descendente de uma família de tradições liberais (o bisavô, o general José Paulino de Sá Carneiro, foi par do Reino).
- 1892 – A 11 de dezembro, a sua mãe morre aos 23 anos, vítima de febre tifoide.
- 1894 – Carlos Augusto deixa a casa da Rua da Conceição, viaja muito, e o pequeno Mário passa a viver com os avós José Paulino e Cacilda Victorina na Quinta da Vitória, em Camarate. É criado pela ama Maria da Encarnação.
- 1897 – O pai aluga uma casa na Rua Nova da Trindade.
- 1899 – Morte da avó Cacilda Victorina. Mário começa já a escrever pequenas peças de teatro.
- 1900 – Inscrição no Liceu do Carmo (atualmente Escola Secundária Veiga Beirão).
- 1901 – Mário passa as férias de verão com o pai na Póvoa de Varzim.

- 1902 /1903 – Começa a escrever poemas, que passa a limpo num caderno de capa preta. Reside com a ama na Travessa do Carmo, próxima do liceu.
- 1904 – Viaja durante o verão por toda a Europa (Paris, Suíça e Itália) na companhia do pai. Em dezembro, edita no liceu o jornal *O Chinó*.
- 1905 – Continua a escrever poemas. A sua peça de teatro *O Vencido* é levada à cena no Clube Simões Carneiro.
- 1906 – Mário é transferido para o Liceu de S. Domingos.
- 1907 – A 15 de maio participa numa récita teatral organizada por Mário Duarte e pelos alunos do Liceu de S. Domingos. Passa o verão com o pai em Paris, regressando em outubro.
- 1908 – Publica diversos poemas e contos na revista *Azulejos*. Utiliza por vezes o pseudónimo de Sirconera (anagrama de Sá-Carneiro).
- 1909 – Entra para o recém-criado Liceu Camões, juntamente com os alunos do Liceu de S. Domingos. Aí frequenta a sexta classe de Letras. Começa a escrever a peça de teatro *Amizade* com Tomás Cabreira Júnior.
- 1910 – Mário e Tomás terminam em abril a peça *Amizade*.
- 1911 – A 9 de janeiro, Tomás Cabreira Júnior suicida-se com um tiro de pistola no recreio do Liceu Camões, em consequência de um amor funesto. Mário escreve o poema «A Um Suicida». A 9 de abril, profere no Liceu Camões uma conferência sobre «a situação poética nacional». Conclui o Curso dos Liceus (12 de setembro) e em outubro vai para Coimbra estudar Direito, mas, não conseguindo aí permanecer, volta para Lisboa em dezembro.

## Cronologia Biográfica

- 1912 – A 21 de março a peça *Amizade* é representada pelo grupo de Mário Duarte no Clube Estefânia. Publica o livro de novelas *Princípio*, dedicado ao pai. Conhece Fernando Pessoa, de quem se tornará grande amigo. Parte rumo a Paris a 13 de outubro e inscreve-se no curso de Direito a 14 de novembro. Perto do final do ano deixa de frequentar as aulas.
- 1913 – Instalado em Paris, passa a maior parte do tempo em cafés e esplanadas. Escreve regularmente poesia e convive com Santa-Rita Pintor. Em junho regressa a Lisboa e escreve a peça *Alma* com António Ponce de Leão. Publica no fim do ano (embora datados do ano seguinte) dois livros: *Dispersão – 12 Poesias* e a narrativa *A Confissão de Lúcio*.
- 1914 – Planeia uma revista literária (com os futuros colaboradores do *Orpheu*), que se chamaria *Lusitânia*. Volta para Paris no início de junho, com o pai, mas abandona a cidade após a deflagração da Primeira Guerra Mundial, em agosto. Passa por Barcelona, onde conhece Ribera i Rovira, escritor lusófilo catalão, e chega a Lisboa em setembro, instalando-se na Quinta da Vitória, em Camarate. Convive com os amigos, frequentando diversos cafés como as Brasileiras (do Chiado e do Rossio), o Martinho da Arcada, etc. Tem alguns conflitos com a madrastra, Maria Cardoso.
- 1915 – Em abril e em julho são publicados os dois únicos números da revista *Orpheu*, sendo Mário de Sá-Carneiro um dos seus diretores. A reação da imprensa é violenta, num clima de escândalo, com artigos negativos como o de Júlio Dantas. Sá-Carneiro publica ainda nesse ano o volume de narrativas *Céu em Fogo – Oito Novelas*. A 11 de julho regressa definitivamente a Paris, passando por San Sebastián. Continua a escrever febrilmente poesia, que seria destinada ao futuro livro *Indícios de Ouro*. A correspondência com Pessoa mostra que a sua crise psicológica se vai agravando até ao final do ano.

1916 – Conhece num *cabaret* parisiense uma mulher por quem parece ter-se apaixonado e que ainda o terá demovido de uma tentativa de suicídio. Apesar disso, a sua instabilidade torna-se cada vez mais profunda e, após enviar para Fernando Pessoa o seu caderno de poemas, Mário de Sá-Carneiro acaba por se suicidar a 26 de abril, às oito da noite, num quarto do Hotel de Nice, envenenando-se com cinco frascos de arseniato de estriçnina. É sepultado a 29 de abril no Cemitério de Pantin. As cartas de Fernando Pessoa desaparecem.

\* \* \* \* \*

Ao longo dos anos, a poesia de Sá-Carneiro é cada vez mais divulgada, graças a Pessoa e também ao grupo da revista *presença*.

1938 – A *presença* publica *Indícios de Ouro*.

1946 – As *Poesias* de Mário de Sá-Carneiro são publicadas pela Ática, com um prefácio de João Gaspar Simões.

1952 – A 6 de junho, morre Carlos Augusto de Sá Carneiro, pai do poeta.

1966 – 50 anos após a sua morte, a obra de Mário de Sá-Carneiro entra no domínio público.

1988 – Marina Tavares Dias publica a *Fotobiografia* do poeta (Lisboa, Ed. Quimera).

# **CONTOS BREVES**

1908/1909



## O CAIXÃO

*a Ricardo Teixeira Duarte*

... E, no meio da alegria ruidosa dessa ceia de rapazes, a voz grave do Patrício Cruz fez-se ouvir:

«Há de haver três anos, numa linda tarde de abril, estava eu sentado na minha varanda, lendo o jornal, quando de súbito os meus olhos se fixaram em dois moços de fretes que, a passo regular, caminhavam conduzindo um grande caixão forrado de vermelho.

«Ao passarem por defronte de uma taberna, pararam, pousaram o lúgubre traste e entraram no estabelecimento...

«A noite vinha caindo serenamente e enquanto os dois homens saboreavam lá dentro o “divino licor”, o caixão jazia cá fora, à borda do passeio...

«Os transeuntes, achando o facto vulgar, nem sequer lhe lançavam um olhar distraído... No entanto, ele, ali, na rua atravessada continuamente por numerosos entes vivos, era como que um cartaz anunciador da morte!...

«Sempre com os olhos pregados nele, pus-me a meditar e, meditando, fantasei um par de jovens noivos, cheios de vida, alegres, felizes, avançando ternamente enlaçados, murmurando doces palavras d’amor, fazendo mil projetos para o futuro e que de repente tropeçassem no hediondo monstro que, inexorável, lhes clamaria numa gargalhada estrídula, horripilante: – “Folgai! Folgai que eu vos espero!...”

.....  
«Mas os dois homens haviam já saído, e, erguendo do chão o fúnebre objeto, lá continuaram o seu caminho...

«Era possível que à mesma hora, na casa habitada pelo corpo a que esse caixão ia servir de leito eterno, estivesse uma mãe chorando amargamente, rodeada pelos seus pobres filhos que – morto o pai – ficavam na miséria...

«Sim, era possível; mas também era possível haver apenas, em lugar desse comovedor quadro, um “herdeiro” ambicioso, voraz, derramando lágrimas hipócritas sobre o corpo ainda quente daquele que acumulara e aferrolhara por largos anos a fortuna que finalmente lhe ia pertencer...

«Impelido por uma força desconhecida, levantei-me, fechei a janela e, sem saber como, achei-me na rua seguindo a horrível caixa vermelha!...

«Tinha caminhado não sei durante quanto tempo, tinha atravessado não sei que ruas, quando de súbito estaquei anelante e como que paralisado: o sinistro frete entrava para o Teatro do Príncipe Real, onde na noite seguinte se devia realizar a primeira representação do *Morto-Vivo*, drama cujo segundo ato – lá dizia o cartaz – se passava numa câmara mortuária...

«Ah! ao ver tal, ao ver que esse caixão que tanto me impressionara, que me sugerira tão sombrios pensamentos, não passava de um mesquinho adereço de teatro, senti uma sensação igual à que sentiria se me tivessem arremessado à cara com um balde d’água fria...

«A passos vacilantes, a cambalear como um ébrio, encaminhei-me para minha casa...

«Deitei-me. Adormeci...

«No outro dia, ao acordar, lembrei-me da terrível “aventura” da véspera, soltei uma gargalhada e, à noite... fui assistir à “primeira” do *Morto-Vivo*.»

.....

(Publicado no n.º 51 da revista *Azulejos* de 7 de setembro de 1908.)

# MARIA AUGUSTA

*a José Mântua*

No primeiro andar do prédio n.º 57 da Rua Augusta, vê-se uma tabuleta com os seguintes dizeres:

«AU NOUVEAU PARIS»  
CONFECTIONS POUR DAMES  
M.<sup>me</sup> ROSA SILVA

Era nesta casa que, ainda há dois meses, trabalhava Maria Augusta... Hoje, não; hoje já não trabalha...

\*  
\*      \*

História vulgar e banal, a desta rapariga!

Filha dum pedreiro e duma criada de servir, que o seu nascimento transformara em «mulher a dias», viera ao mundo apenas como preço dum prazer...

Aos quatro anos, sua mãe, «para se ver livre dela» durante o dia, metera-a na mestra. Saía aos oito, sabendo o alfabeto: «– Nada, que numa modista já podia ganhar um tostãozinho por semana.»

Por isso, entrou para casa duma vizinha que trabalhava para as mulheres dos operários do bairro. Passava todo o dia a fazer

recados: ir comprar dez réis de chá, pôr o caixote do lixo à porta, levar um vestido, ouvir a descompostura inevitável: «– Faça favor de dizer lá que a saia ficou uma porcaria! Os forros não prestam para nada! Assim não me serve! O que não falta é modistas!»

Passados seis meses, saíra desta casa e fora para outra, depois para outra, para muitas mais, até que aos dezassete anos se encontrara no «importante *atelier* Au Nouveau Paris» – mal parecia que um estabelecimento frequentado pela sociedade elegante tivesse um nome português – ganhando dezassete vinténs diários: tantos vinténs quantos os seus anos...

\*  
\*      \*

Era muito formosa. Os seus sedosos e abundantes cabelos negros coroavam um rosto encantador. Os seus lábios vermelhos e viçosos, pedindo beijos ardentes, serviam de cofre a uns pedacitos do mais puro marfim. A sua pele, branca e acetinada, era o invólucro dum corpo escultural e exuberante de vida...

\*  
\*      \*

Um dia, na rua, um homem murmurou-lhe ao ouvido a seguinte frase:

– «Como é linda!»

Maria, ao chegar a casa, pegou no seu espelho, colocou-o diante dela e, passado um quarto d' hora, estava finalmente convencida de que lhe haviam dito a verdade! Sim, não havia dúvida, era «muito bonita»...

\*  
\*      \*

Como todas as mulheres, adorava os vestidos e as joias.

Uma vez um sujeito, idoso já, ofereceu-lhe, diante duma ourivesaria, um anelzito de dois mil réis. Ela aceitou entusiasmada. O sujeito idoso pediu-lhe, em paga, um beijo. Ela deu-lhe vinte.

Passados dias, um garboso mancebo convidou-a para o acompanhar ao teatro. Havia de recusar semelhante gentileza? Por certo que não...

Findo o espetáculo, o seu companheiro meteu-se num trem com ela e, Maria, como não podia negar coisa alguma àquele que lhe proporcionara três horas tão agradáveis, deu-lhe tudo quanto ele pediu...

\*  
\*       \*

Vertiginosamente foi caminhando para o terrível e irremediável «fim»...

Os seus lábios, hoje, já não são tão vermelhos, embora os cubra com carmim; a sua pele já não é tão fina e tão branca, embora a esfregue todos os dias com glicerina, cobrindo-a depois com pó d'arroz. No entanto, Maria Augusta, hoje, já não trabalha...

*(Publicado no n.º 54 da revista Azulejos de 28 de setembro de 1908.)*



## LADISLAU VENTURA

*a Milton Machado d'Aguiar*

Ladislau Ventura, quando eu o conheci, era um rapaz de dezanove anos, magro, trigueiro e de faces encovadas. Os seus olhos negros – como negros eram sempre o fato, o chapéu e a gravata que trazia – brilhavam como dois carbúnculos e neles transparecia claramente o génio ou a loucura. Tinha uma paixão: as «letras». Fazia versos, escrevia romances, arquitetava peças que eu e mais dois amigos íntimos ouvíamos sempre com pachorra e às vezes com prazer. A sua única ambição era a glória e a celebridade. Para as alcançar não recuaria diante de nenhum obstáculo. Foi isso mesmo que mostrou mais tarde:

Um dia, cansado de percorrer os teatros para ver se algum lhe representaria uma peça, farto de entrar nas livrarias sem conseguir que lhe editassem um romance, sentiu-se desanimado. Em breve, porém, recuperou o ânimo: é que se lembrara do conhecido adágio «querer é poder» e, cheio de coragem, pôs-se em busca do meio de «*poder*». Achou um magnífico:

Com uma atividade febril, em três ou quatro meses, manufaturou dois novos dramas e três novos romances, enviou-os pelo correio a um livreiro. Passados alguns dias comprou um camarote no D. Amélia, munuiu-se de um revólver e – o leitor por certo que ainda não esqueceu essa emocionante tragédia – quando decorria o último ato dos *Amordaçados!*, desfechou-o sobre a formosa Ester Valdez, que desempenhava a protagonista dessa

peça, atingindo-a em pleno coração. Depois voltou a arma contra si...

Numa das suas algibeiras foi encontrado um papel que dizia apenas o seguinte:

«Chamo-me Ladislau Ventura. Não sou ninguém. Amo loucamente uma mulher pela qual nunca me poderei fazer amar. Por isso, morro. Não consentirei, porém, que outro alcance aquilo que eu não posso alcançar. No mesmo dia em que abandonar a vida, arrebatarei também a dessa mulher.»

Todos os jornais transcreveram estas linhas chamando ao crime «espantosa tragédia vivida», «horrível drama d'amor», etc., e muita menina romântica chorou e se apaixonou pelo «sombrio herói de tão comovedora tragédia»...

.....  
Pouco tempo depois, os teatros anunciavam as peças do «poético criminoso» e as livrarias os romances do «terrível amoroso». Que magnífico reclamo!! As edições esgotaram-se, os teatros encheram-se e hoje ninguém desconhece o nome de Ladislau Ventura...

*(Publicado no n.º 60 da revista Azulejos de 9 de novembro de 1908.)*

## A MENDIGA

... Pedia esmola porque as suas pobres mãos encarquilhadas já não serviam para o trabalho, porque o seu corpo, ajoujado com o peso dos anos, se inclinava para o chão, olhando a terra a quem brevemente iria servir de pasto... Lutava pela vida, apesar de quase morta... Pedia esmola...

\*  
\*       \*

Era um dia lindo d'agosto e ela lá ia caminhando, pisando as pedras da calçada que, aquecidas por um sol abrasador, queimavam os seus velhos pés descalços... Havia dois dias já que não comia. Sua filha, uma transviada da vida que se afogara no pântano lodacento da prostituição e do crime, pedira-lhe chorando algum dinheiro para o seu amante... Ela dera-lhe todas as poucas moedas de cobre que possuía...

Das famílias que habitualmente a costumavam socorrer, só uma, por falta de meios, ficara na cidade. Era para a sua porta que se encaminhava. Subiu a escada, bateu, esperou. Um padeiro que descia disse-lhe: – «Aí não está ninguém, tiazinha. Saiu-lhes a sorte grande e foram ontem para fora.» Bateu então às portas dos outros andares. Em todos lhe deram a esmola dum carinhoso «Tenha paciência»... Saiu; foi caminhando até que se encontrou numa ruazinha deserta;

Mário de Sá-Carneiro

sentou-se à borda do passeio e, sem forças já para lutar com a morte,  
entregou-se-lhe serenamente...

... Era um dia lindo d'agosto e o seu pobre corpo jazia inerte  
sobre as pedras ardentes da calçada...

*(Publicado no n.º 67 da revista Azulejos de 2 de janeiro de 1909.)*

## AMOR VENCIDO

Amavam-se loucamente, com um tão grande amor, que só poderia ser vencido pela morte...

Em breve iriam pertencer um ao outro.

Ela, órfã de pai, vivia com sua mãe, uma senhora de cinquenta anos, que, pelos desgostos, aparentava ter mais de sessenta.

Mãe e filha eram extremamente parecidas. Ele dizia até, muita vez sorrindo:

– Quando olho para tua mãe, vejo-me transportado d'aqui a muitos anos, quando formos velhos, quando fores uma avozinha.

\*

\*      \*

Se a desgraça não dura sempre, a felicidade muito menos. Num domingo, a pobre senhora morreu. Era precisamente no dia seguinte que os dois jovens se deviam casar.

Em vez de beijos, lágrimas...

Ele quis despedir-se da morta; acercou-se do seu leito, curvou-se e pousou os lábios na gélida face...

No mesmo instante, porém, recuou, os cabelos em pé, os olhos desmesuradamente abertos...

É que o rosto que ele via, contraído num esgar horripilante, era a caricatura horrível daquele que desejaria cobrir de beijos!

O seu amor não pôde resistir a esta terrível visão! Sim, desde esse momento, como unir à sua essa boca que tanto apeteceu, se, ao beijá-la, julgaria encontrar em vez de uns lábios frementes e tépidos, outros, gelados e hirtos? Como estreitar esse corpo que ambicionara confundir com o seu, se a imagem aterradora de um cadáver hediondo se ergueria diante dos seus olhos alucinados?

Como, sim, como? De forma alguma!...

Por isso partiu para uma pequena viagem... Nunca mais voltou...

Quem ousará dizer que, mais uma vez, o amor não foi vencido pela morte?...

*(Publicado no n.º 68 da revista Azulejos de 9 de janeiro de 1909.)*

## RECORDAR É VIVER

*a Th. Cabreira Júnior*

A Quinta das Violetas é uma encantadora propriedade situada numa ridente povoação, distante de Lisboa poucos quilómetros. Atualmente pertence a um médico, distinto alienista que a aproveita apenas para nela passar dois ou três meses, durante o verão.

Ora este ano, numa formosa manhã de maio, o caseiro, sentindo bater ao portão, foi abri-lo e deparou com uma senhora, idosa já, que lhe disse timidamente:

– «Se o senhor me deixasse entrar... Sabe, esta quinta já foi minha... Gostava tanto de a ver...»

O caseiro, como era natural, satisfez-lhe o pedido. A senhora idosa entrou.

.....  
Quarenta anos!... Sim, quarenta anos e no entanto parecia que ainda tinha sido ontem...

Que venturosos dias não havia passado ali, nesse «paraíso» onde agora entrava como uma estranha, ela, que já fora a dona de todas essas árvores, de todas essas pedras!... Que felizes tempos!... Era então uma linda rapariga de cabelos d'ouro a quem tudo sorria... Uma atmosfera d'amor a rodeava... Amava tanto o seu marido... tanto... e – oh! suprema ventura! – era também amada por ele com o mesmo ardor!... À noite, ternamente enlaçados, percorriam as ruas orladas de buxo que a Lua, lá do alto, iluminava com a sua pálida luz... Oh! quantas vezes... quantas, debaixo do céu coberto

de estrelas, se não haviam unido os seus lábios num longo e ardente beijo, cujo ruído o murmúrio das folhas sacudidas pela brisa abafava discretamente...

Quarenta anos, sim, quarenta anos e no entanto parecia que ainda tinha sido ontem!...

.....  
... Entrou. No pátio em que se encontrava, os seus pés pousavam sobre os mesmos ladrilhos d'outrora e os seus olhos sobre as mesmas paredes, sobre a mesma floreira de ferro, pintada com o mesmo verde. Só os vasos e as plantas é que haviam mudado... Saiu do pátio. Tomou uma rua... aqui, uma árvore a menos, ali um muro caído de fresco... uma cancela nova... Nada mais e haviam decorrido tantos anos... tantos...

Chegou ao fim da rua, onde existia uma mesa de pedra, rodeada por um assento também de pedra... As doze badaladas do meio-dia ressoavam lá ao longe, tangidas pelo pequeno sino da freguesia... E o som desse sino era também o mesmo... o mesmo d'outrora...

O filho do caseiro veio chamar o seu pai para ir jantar. A senhora idosa ficou só...

Ali... sim, fora ali, sentada naquele mesmo banco que, num dia lindo de maio, num dia em que o sol brilhava, radioso, iluminando um céu azul d'anil, sem uma nuvem, que ouvira as primeiras palavras de amor, que trocara o seu primeiro beijo...

As lágrimas começaram escorregando pelas suas faces, vagarosamente... É que toda a sua vida – monstruosa fita cinematográfica ora alegre, ora triste – ia passando por diante dos seus pobres olhos apagados: primeiro a felicidade, depois a desgraça... a ruína de seu marido, a sua partida para África... a sua morte... toda uma existência, enfim, da qual nada restava... nada, a não ser, lá longe, debaixo das areias ardentes dum deserto africano, um feixe de ossos calcinados e ali, ali, à sombra dum cedro centenário, um outro feixe d'ossos coberto porém com um invólucro de pele diáfana e ressequida...

As lágrimas eram cada vez mais amargas... mais abundantes... O sol, o lindo sol de maio, brilhava lá em cima, radioso, iluminando um céu d'anil, sem uma nuvem... sem uma única nuvem...